

# *Trovas de Carnaval*

Organização, introdução e notas de  
António Bárbolo Alves  
(Bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
e do Ministério da Educação)

## FICHA TÉCNICA

Título: *Trovas de Carnaval*

© Centro de Estudos António Maria Mourinho e António Bárbolo Alves

1ª Edição: Dezembro 2007

Edições do Centro de Estudos António Maria Mourinho

Biblioteca Municipal

Rue de l Cumbento, s/n

5210-021 MIRANDA DE L DOURO

centro.amm@gmail.com

<http://ceamm.no.sapo.pt>

<http://tpmirandes.no.sapo.pt>

## **Apresentação**

No CEAMM encontram-se três cópias (uma original e duas fotocópias).

O original é um manuscrito, com 12 páginas, de leitura bastante fácil embora numa passagem da última página (assinalada com parêntesis rectos na nossa versão interpretativa), algumas linhas se encontrem ilegíveis, apagadas por algum líquido que sobre elas caiu. O tamanho das páginas (23,5x32,5) dificulta bastante a leitura da edição digitalizada pois ela ultrapassa os meios técnicos que temos à nossa disposição. Por isso, é natural que algumas palavras, no final de algumas linhas sejam de mais difícil leitura.

Este texto leva-nos directamente às manifestações que, por alturas do Carnaval, têm lugar na Terra de Miranda e um pouco por todo o Nordeste Transmontano. Tempo de caos, o Carnaval permite a crítica, a brincadeira, a troça aos costumes e à moral vigente e a inversão dos papéis sociais. As *lbonas* de Carnaval eram (e ainda são) uma forma de aliviar as tensões sociais, justamente através da crítica social, mas sobretudo o riso, aqui entendido no sentido positivo, regenerador e criador, tal como lhe foi conferido por Mikhaïl Bakhtine.

Como se pode conferir na primeira página do manuscrito, numa menção acrescentada, a lápis, na parte superior esquerda, estas *trovas* são oriundas de Vilar Seco. De qualquer forma, também as referências textuais nos remetem claramente para essa localidade. O autor é certamente o Sr. Basílio Rodrigues, pintor e conhecido autor de “colóquios”.

Não sabemos como é que este texto chegou ao espólio do Dr. António Maria Mourinho. Terá sido dado ou ditado pelo autor, uma vez que a caligrafia parece ser do próprio Dr. Mourinho? Contudo, sabemos que este investigador o leu, anotando igualmente algumas palavras e expressões, possivelmente a pensar na sua publicação. A prova está numa folha solta, com algumas notas, que se encontra no seu espólio e aqui

reproduzimos. Como se pode conferir, nessas anotações António Maria Mourinho procurou sobretudo identificar os mirandesismos pois, como se sabe, na aldeia de Vilar Seco, embora pertença ao concelho de Vimioso, também se fala mirandês.

As formas e expressões em língua mirandesa ou próximas do mirandês são, de facto, em quantidade apreciável, como se pode constatar pela nossa edição interpretativa. Porém, este texto não tem apenas um interesse linguístico. Nele se plasmam igualmente, através do humor (que é forma mais sublime de retratar a realidade), as vivências e tradicionais, num quadro bem genuíno e castiço da realidade rural.

Não existe qualquer informação sobre a data concreta sobre o anos em que estas TROVAS foram ditas. Contudo, tendo em conta as datas em que foram representados os outros dois textos do mesmo autor (*Um dia de Inverno* e *A pintura de S. Brás*), estas trovas devem igualmente ter sido “representadas” no final da primeira metade do século XX.

ANUNCIADOR

Com licença meus senhores,  
Gostaram da nossa cantiga?  
Pois agora apertem os cintos  
Que lhes vai doer a barriga!

Vai-vos doer a barriga  
Cá da nossa chalaça,  
Vai ser um enchente de rir  
Todos lhe hão-de encontrar graça.

Eu vos vou anunciar  
Prestai a vossa atenção  
As desgraças que *tem* passado  
Cá na nossa povoação.

Os burros que *tem* morrido  
Por certo são mais de noventa  
Não podemos falar de todos  
Falaremos só de uns quarenta.

A burra fosca de Manuel Pereiro  
Que já está na *sepultura*  
E um burro do senhor Amândio  
Que fazia bem boa figura.

Também contaremos outro caso  
Duns homens *emburrachados*  
Ao preço que o vinho corre  
É porque são mal governados.

E o gato das Marangonas  
Também se há-de representar  
Apanharam tal fartura  
Que *inda* estão a *esmiangar*.

A manta nova do Rafael,  
Bem tecida e de bom pano,  
E a roupa do João Pedro  
Lustrosa como a dum cigano.

E por resto da *combersa*  
Aguardai que ouvireis ainda  
O pobre e triste funeral  
Dos burros da senhora Gracinda.

Agora peço licença  
Que preciso descansar  
E a outra parte da obra

Logo virei anunciar.

Estejam todos atentos  
Prestem a sua atenção,  
Ninguém faça barulheira  
Que vai começar a função.

QUARESMA

Ora viva, compadre Entrudo,  
Como vai, como tem passado;  
Com esse tão grande bandulho  
Parece que vem empertigado.

ENTRUDO

Ó minha comadre Quaresma  
Já tinha vontade de a ver;  
Do ano passado para cá  
Inda se não deixou morrer?

QUARESMA

Olha que tenha andado bem mal  
Aleijada, torta, cega  
Se não repare para mim  
Estou fraca como uma pega.

ENTRUDO

Pois eu é bem pelo contrário  
Acabei agora de jantar  
Comi quatro *canbonas*<sup>1</sup> papudas  
E ainda fiquei a ladrar.

QUARESMA

Olhe lá compadre Entrudo  
Temos um ano tão mau  
*Canbonas*, burros e resto  
Só servem parar a bacalhau<sup>2</sup>.

ENTRUDO

Então vamos a falar  
Das desgraças que tem havido  
*Canbonas* e burricada  
Quasi tudo tem morrido.

---

<sup>1</sup> Forma mirandesa (port. ovelha). Refira-se que a palavra é comum ao leonês, nomeadamente da zona de Aliste, e também aos falares de uma grande zona de Trás-os-Montes.

<sup>2</sup> Este verso apresenta uma difícil interpretação. Contudo, assim nos aparece escrito.

## QUARESMA

Eu conto da minha rua  
O caso do vizinho primeiro  
Como foi o funeral  
Da burra fosca do Manuel Pedreiro.

Tinha ido o Luiz Gordo  
E esse rapaz não é mau,  
Tinha ido buscar uma carga  
Mas deu-lhe uma carga de pau.

Porque a burra se caiu  
Deu-lhe muita porrada  
Das ancas e pernas traseiras  
Ficou toda derreada.

Toda cheia de maçaduras  
E chagas de meter medo  
Lá veio a burra e as cargas  
E já não era muito cedo.

Lá foi mete-la<sup>3</sup> na loja  
Depois que a viu fora de perigo  
E para que logo curasse  
Botou-lhe alqueire e meio de trigo.

A burra não se tinha em pé  
Andavam-na sempre a levantar  
E por este sinal conheceram  
Que pouco poderia durar.

Prenderam-na então muito alta  
Às soleiras do *sobrado*<sup>4</sup>  
Já só caía da traseira  
O resto ficava levantado.

Foi o dono então a vê-la<sup>5</sup>  
Logo assim que amanheceu  
Achou-lhe a traseira no chão  
E o focinho chegado ao céu.

Tinha os olhos meio abertos  
Parecia num sono profundo  
Então o dono conheceu  
Que já não era deste mundo.

Reparai a pena que teria  
Pelo pobre do animal  
Foi logo chamar a Luiz Preto  
Para tratarem do funeral.

Agarra-te lá o Luiz  
Ao pobre animal servil  
Para que nós não façamos trovas  
Enterraram-no pelo civil.

Botaram-lhe um pau à barriga  
Já perto do “sim senhor”  
E assim levaram a burra  
Como um santo no andor.

Não tocaram campainha  
Neste pobre funeral  
Pois nem ao menos sentiram  
Os vizinhos do curral.

Levaram-na para a *cortinha*<sup>6</sup>  
Com o rabo pelo chão  
A cabeça muito erguida  
Foi uma linda procissão.

Fizeram o tal enterro  
Sem nada se demorar  
Voltaram à procura da Sância  
Que lhe desse de almoçar.

## ENTRUDO

Ora bom, comadre Quaresma,  
Cantou a sua e eu começo  
Para explicar o que passou  
Lá no sítio do cabeço.

Morreu um burro do senhor Amândio  
Enquanto<sup>7</sup> o dono preso na Espanha  
Bem lhe<sup>8</sup> custará a esquecer  
Essa desgraça tamanha.

Pobre Zé e Manuel da Cruz  
Que tiveram tais canseiras  
Arrastaram-no preso aos outros  
Para a Orretica das Lingueiras<sup>9</sup>.

<sup>3</sup> “metela” (como sempre, indicamos unicamente entre aspas a forma que nos aparece no original).

<sup>4</sup> Forma mirandesa, comum a outras regiões, línguas e dialectos, significando “piso superior de uma casa, geralmente assoalhado”.

<sup>5</sup> “vela”.

<sup>6</sup> Cf. mirandês “cortina” (terra cercada, normalmente nas proximidades da povoação).

<sup>7</sup> “Em quanto”.

<sup>8</sup> “le”.

<sup>9</sup> “Orreta” (a que se acrescentou o diminutivo – ico), é um topónimo comum na Terra de Miranda.

Ali ficou ao abandono  
Sem lhe darem sepultura  
Depois de se pôr o sol  
Ficava na noite escura.

O caso é que faltou dali  
Não se sabe que caminho levou  
Deve ser sido o povo de Genísio  
Quem tanta carne gastou.

O burro não andava doente  
Nem dava sinais de tal  
Por isso é de admirar  
Como morreu o pobre animal.

Sabe o que por aí se conta  
O dono estava na prisão  
E o burro com pena dele  
Bem certo morreu de paixão.

Burros com tanta esperteza  
Não devem por aí faltar  
E desgraças desta natureza  
Há muitas por esse lugar.

#### QUARESMA

Pois vou-lhe contar outra história  
Que não é de burricada  
Esta é de borracheira  
Mas é bastante engraçada.

O senhor António Bebineira  
E mais o senhor Narciso  
Também o senhor Hermenegildo  
Um dia esqueceu-se-lhe o juízo.

Foram a Duas Igrejas  
Levar lenha è estação  
*Em quanto andiveram* na lenha  
Não o perderam, não, não!

Mas depois de descarregarem  
O cansaço não era *piqueno*  
Com a pressa esqueceu-lhe o juízo  
Em casa do Domingos Heleno.

Não perderam só o juízo  
Não findou aí o mal  
Perderam vacas e carros  
Lá para os lados do Vival.

Aquele foi dia de perdas  
E o caso em perdas findou  
Todos três foram perdendo  
Só o Heleno é que ganhou.

Os carros sempre rodando  
E as vacas sempre a andar  
Os donos sempre a correr  
Quinze dias para os encontrar.

Mas não findou aqui o caso  
Inda a festa não acabou  
Ralharam com Ana de Imílio  
Porque o marido não se emborrachou.

#### ENTRUDO

Ó minha rica comadre  
Nunca se acabam as *lbonas*<sup>10</sup>  
Vai agora ouvir o caso  
Do gato das Maragonas.

O Martinho caçou um gato  
Lá para o sítio dos Sobreiros,  
Dizem que andou no mato  
Mas era dos gatos caseiros.

Trouxe-o então para casa  
Juntamente com Rafael  
E depressa os dois marmanjos  
Trataram tirar-lhe a pele<sup>11</sup>.

Depois do gato esfolado  
O que lhe havia de lembrar  
Isto é um bom petisco  
Vamos pô-lo a guisar.

Juntaram-se à volta do pote  
Nenhum deles tinha pena  
E como era grande o pannelo<sup>12</sup>  
Chamaram a *parentena*<sup>13</sup>.

*Milhor* será carne de gato  
Do que tripa de bacalhau;  
Depois que encheram o bandulho  
Faziam, miau, miau!

<sup>10</sup> Forma mirandesa; cf. port. “loas”.

<sup>11</sup> “pel”.

<sup>12</sup> A forma masculina (de panela) é utilizada com um valor aumentativo.

<sup>13</sup> Creio que esta forma é uma criação pessoal, apenas por exigência de rima.

A senhora Maria Cândida  
Não gosta de carne morta  
E apareceu-lhe a cabeça do gato  
Preso da aldrava da porta.

Isto era para dizer  
Que ela tinha comido o gatinho;  
Numa parte está o ramo  
E noutra vende-se o vinho!<sup>14</sup>

#### QUARESMA

Olhe lá compadre Entrudo  
Que a mim bem me custa a crer  
Que aquela gente “maragona”  
Seja tão<sup>15</sup> má de entender.

O tal Rafael do gato  
Nem eu devia dizer tanto;  
Trocou a roupa da segada  
Com o João Pedro do Espírito Santo.

Não sei se conhece o tal João Pedro  
Olhe que é uma rés bem fina;  
É o filho mais grande  
Que tem a tia Josefina.

Estavam na casa das barbas  
Era no tempo da segada  
O Rafael com uma manta nova  
O outro com uma roupa esfarrapada.

Falaram então na troca  
Aqueles brutos *cabeçalhos*<sup>16</sup>;  
Trocaram a manta nova  
Pelos tais rotos farangalhos.

O Rafael largou a manta  
Toda a gente ali se riu  
Porque o João Pedro ficou em couro  
Como sua *mãe* o pariu.

Embrulhou-se então na manta  
Para casa foi sossegado<sup>17</sup>  
Parecia uma *criança*  
Numa grande envolta embrulhado.

Foi o Rafael para casa  
Com a tal linda fatioca  
Mas a *mãe* puxou-lhe as orelhas  
E voltou a desfazer a troca.

É bem bruto o Rafael  
É bem bruto, sim senhor!  
Mas olhe que o tal João Pedro  
Ainda é um bruto maior!

#### ENTRUDO

Ó minha comadre Quaresma  
Mão maltrate tanto a gente;  
Quem sabe se o tal João Pedro  
Não será ainda meu parente.

Essa conversa não é boa  
Eu sigo com outra mais linda,  
Para contar o pobre fim  
Dos burros da tia Gracinda.

A burra Çopa e o burro Carriço  
Tinham mais de 50 anos  
E foi assim dessa idade  
Que os levaram os ciganos.

Já nem um centavo valiam,  
Todos vós bem o sabeis  
Mas valeram uma burranca,  
C’oa volta de vinte mil reis.

A burra andava ao engordo  
Lá no meio da ciganada  
Foi morrer no Val de Cima  
Com uma fartura de cevada.

Na *cortinha* do senhor Silvestre  
É que ficou depositada  
E ele todo furioso  
Foi ter com a ciganada.

Tirem-me lá daí a burra  
E não lhe peça por favor  
Se não querem que eu me queixe  
Ao nosso bom regedor.

---

<sup>14</sup> Referência à tradição de colocar um ramo de videira à entrada das tabernas, assinalando a existência de vinho novo.

<sup>15</sup> “tam”

<sup>16</sup> Forma mirandesa que designa a parte dianteira do carro de vacas no qual se prende o “sobeio” que amarra o carro ao jugo. Cf. português “cabeçalha”. A palavra tem, neste contexto, um significado também comum em mirandês, claramente metafórico, que é um indivíduo teimoso e grosseiro.

---

<sup>17</sup> “sosegado”.

Então os pobres ciganos  
Deram voltas ao lugar  
Mas aquela carniçada  
Ninguém lha queria comprar.

Correram por essas tavernas  
Por essas casas de pasto  
Mas por ser tempo de Inverno  
Tem a carne pouco gasto.

Como eles baixaram o preço  
Já pediam pouco dinheiro  
Quem veio a cair com ela  
Foi lá cima o Manuel Certoiro.

E o tal taverneiro novo  
Como ainda não sabe matar  
Deu-lhe<sup>18</sup> em dita acha-la morta  
Porque só lhe custou a esfolar.

Mas neste tempo não se gasta  
Ficou-lhe uma grande porção  
Lá a *teem* ido remoendo  
Os borrachos que por ali vão.

Ninguém isto lhe parece mal  
Porque são modos de viver  
Os livros da tia Inês Gonçala  
Nunca se podem perder.

Da pobre burra Çopa  
Já contei o resultado  
Vou falar-vos do Carriço  
Como foi de afortunado.

Foi uma cena interessante  
Os ciganos, a burra e o burro,  
De mistura com a Tia Gracinda  
Botavam conhos a murro.

Lá foi o pobre Carriço  
Que já muito andava enfermo  
Como tinha *amisade*<sup>19</sup> ao povo  
Não houve quem o tirasse do terreno.

Por esse caminho das Antas  
O pobre burro cansou-se,  
E todo cheio de agonias  
Fez a cama e deitou-se.

E como a doença era grave  
Já sem esperança de curar,  
Veio a morte entre tempo,  
Não se tornou a levantar.

Como *inda* havia carne no povo  
Ninguém *queri* fazer fumeiros  
Quem veio a consumir o Carriço  
Foram pastores o boieiros.

Por essas cabanas e lameiros  
Por essas barrancas de *pãis*<sup>20</sup>,  
Fazem muitas assaduras,  
Pastores, *boeiros* e *cãis*.

E agora, comadre Quaresma  
Também temos de descansar  
Porque tanta burricada  
Ninguém a pode aturar.

Venha o nosso anunciador  
E que anuncie mais ainda  
Porque o tempo vai-se embora  
Como os burros da tia Gracinda.

Os burros já se consumiram  
Sem funeral nem enterro  
E agora para *demudar*<sup>21</sup>  
Toque a música, ruja o ferro.

## 2ª SAÍDA (DO ANUNCIADOR)

Cá está ele, meus senhores!  
É o tonto da chalaça  
Depois de tantos louvores  
Bem lhe podeis encontrar graça.

E então que vos parece  
Cá da nossa burricada?  
Agora vai a segunda parte  
Que *inda* é mais engraçada.

Vai contar-se o triste fim  
O fim daquele grande animal,  
A burra da senhora Belarmina  
Que findou l'a p'ra o Toural.

Os trabalhos que passou

---

<sup>18</sup> “Deule”.

<sup>19</sup> Cf. mirandês “amisade”.

<sup>20</sup> Por “pães”, ou seja, terras cultivadas com cereal (geralmente trigo ou centeio).

<sup>21</sup> Forma mirandesa; cf. português “mudar”.



Chegado o último momento  
E as penas com que finou  
Por morrer sem testamento.

Depois *contará-se* a vida  
Da égua que foi do Moreiras,  
Que também acabou seus dias  
Depois de muitas canseiras.

Na mão do senhor Zé Manuel  
Bem tratada, bem comida,  
Teve boa Primavera  
P'ra findar a sua vida.

No dia 26 de Janeiro  
Depois de tanta canseira  
[...]

Depois [...] jantar  
Vai-se repartir a carne  
Pela gente do lugar.

Que não saibam os de São Pedro  
Que nós temos açougue novo  
Porque *veem* todos em chusma  
E não deixam carne p'ra o povo.

Meus senhores, com licença,  
Eu me volto a retirar,  
A segunda parte da obra  
Vai-se já representar.

QUARESMA  
*Descançon* a gente, ó compadre,  
Tomou alento, *poz-se* fina,  
Para contar o fim que teve  
A burra da Senhora Belarmina.

A pobre burra morreu,  
E deixou larga memória,  
Pois bem certo eu não consigo  
Contar tão longa história.

A burra tinha tantos anos,  
Que nem os posso contar eu;  
Olhe que já tinha 50,  
Quando o meu avó nasceu.

Nunca se viu burra tão fina,  
Sabia o caminho das feiras,

Sabia todas as romarias  
E conhecia as taverneiras.

Sabia o caminho de Val de Frades<sup>22</sup>  
Sabia o de Vimioso  
Sabia os caminhos todos  
Até sabia o de Avelanoso.

Por essas feiras e povoados  
Enquanto o dono comia as postas  
A burra sacudia as orelhas  
Para ir *arroxando*<sup>23</sup> as moscas.

Noutro tempo andava gorda  
Comia bem boas rações  
Ajudou a muitas patuscadas  
Lá por essas povoações.

Andava com gente grande  
Lá com esses cartolas<sup>24</sup> da alta  
Mas agora a burra morreu  
E o dono já pouco *le* falta.

Os tempos *demudam* bastante  
Tudo é o que tem de ser  
A burra também *demudou*  
Da vida da outra mulher.

Quando a Senhora Belarmina  
*C'ouela* começou a ser *pimpona*<sup>25</sup>  
Já a burra ia delgada  
Tinha menos carne que a dona.

Mas *inda* com tudo isso  
Fazia sua figura  
Por feiras e romarias  
Sempre a cavalo na burra.

Agora que já ia velha  
Deu em se meter em penas,  
Pois faltavam as rações  
Pelas colheitas ser pequenas.

---

<sup>22</sup> Vale de Frades e Avelanoso são aldeias do concelho de Vimioso.

<sup>23</sup> Forma mirandesa significando “sacudir”, “enxotar”.

<sup>24</sup> Registe-se a identificação do uso da cartola com “gente da alta” tal como, iconograficamente, se pode ver na figura do Menino Jesus da Cartolinha.

<sup>25</sup> Forma mirandesa, feminino do adjectivo “pimpon”.

As guedelhas iam ruças  
A *ossama*<sup>26</sup> sobressaía  
A samarra toda se pelava  
E outro pêlo não lhe *naciá*<sup>27</sup>.

A pobre burra coitada  
Bem triste da sua sorte  
Andava muito desconsolada  
Sempre pensando na morte.

Trabalhou até [ao] fim da vida  
Só parou quando morreu  
Caminho da feira de Malhadas<sup>28</sup>  
Foi a última jornada que deu.

Talvez seria a jornada  
Que mais lhe agravou o mal  
Quando depois tropeçou  
No *boqueiro*<sup>29</sup> do toural.

O pobre triste animal  
Conheceu que chegava o momento  
E ali ficou alguns dias  
Fazendo o sue testamento.

Testemunhas o Sr. Álvaro Martins  
Mais o senhor Abílio Pêra  
Notário o senhor Baltazar  
Foi tudo gente da terra.

Só com muito grandes pancas  
*Bolcaram*<sup>30</sup> a doente para outro lado  
E em tais termos o testamento  
Já não *poude* ser lavrado.

Trataram então da doente  
A ver se se fortalecia  
Ficou o testamento adiado  
Para ser feito noutra dia.

Deram-lhe palha, deram-lhe feno,  
Deram-lhe farinha e farelos

Quem sabe se não lhe dariam  
Águas de galinha e *botelos*<sup>31</sup>.

Nada porém disto comeu  
Nada disto ela tomou,  
E ao cabo de cinco dias,  
A pobre burra acabou.

Findaram os seus trabalhos,  
Pois já tinha muitos Outonos  
A burra está *descaçada*  
Os trabalhos são dos donos.

Coitada da senhora Belarmina  
Por essas romarias e feiras  
Só se por acaso *andiver*<sup>32</sup> a cavalo  
Na égua que foi do Moreiras.

#### ENTRUDO

A égua que foi do Moreiras  
Vós, comadre, não sabereis  
Também já findou seus dias  
Foi no dia vinte e seis.

Aquela também se falasse  
Teria muito que contar  
Quando era do capitão Manso  
Boa baixa veio a dar.

Esteve na cidade da Guarda  
Depois veio para os caseiros  
Lá no povo de Bemposta  
Onde tinha bons lameiros.

Depois que ela não prestava  
É que foi para os ciganos  
Que só trazem porcaria  
Para enganar os aldeanos.

Quando a comprou o Moreiras  
Era no tempo dos melões  
E ainda apanhou no tal tempo  
Mais corridas que rações.

Foi aí pelo dia de Reis  
Que o José Manuel a comprou  
Já só era para fumeiro

---

<sup>26</sup> Conjunto dos ossos.

<sup>27</sup> Cf. mirandês “nacer”.

<sup>28</sup> Aldeia do concelho de Miranda do Douro.

<sup>29</sup> Pequena abertura, na parede de uma vedação, para possibilitar a entrada. Em mirandês, o m.q. que “portielho”, sendo aquela forma apenas utilizada em algumas localidades.

<sup>30</sup> Forma mirandesa, comum ao falar de Trás-os-Montes, significando “voltar ou virar alguma coisa”.

---

<sup>31</sup> Cf. mirandês “botielho” (enchido tradicional)

<sup>32</sup> Cf. mirandês “andubir” (terceira pessoa do futuro do conjuntivo do verbo “andar”) e catelhano “anduviere”.

Por isso logo a dependurou.

Logo assim que entrou na loja  
Deixou-se cair no chão  
Então é que ele conheceu  
Que havia feito um negócio.

Deitou-lhe então umas cordas  
Lá por baixo da barriga  
Penduradas do *treato*<sup>33</sup>  
Já a égua não se caía.

Assim a teve de contínuo<sup>34</sup>  
Deu-lhe de comer a fartar  
E a égua *poz-se* tão gorda  
Que estava para rebentar.

Quando lhe tiraram as cordas  
Deixou logo a tal posição  
E não podendo com tanta gordura  
Caiu redonda no chão.

O dono ficou pasmado  
Não sabia que havia de fazer,  
Mandou arrastar a égua  
Antes de acabar de morrer.

*Póz-lhe* José Luiz as vacas  
*Votaram-lhe* a corda ao pescoço  
Levaram a égua *à rasta*<sup>35</sup>  
Como o Diabo par um poço.

A égua *estrabujava*<sup>36</sup>  
C'o as patas a ensarilhar  
Abria muito a boca  
Parecia querer falar.

Era uma cena bem triste  
Por não estar a égua morta  
Quebrou dum golpe o cachaço  
Ao passar a soleira da porta.

Juntou-se ali muita gente  
Tudo a assistir à função  
Contou-os Manuel Ricardino

---

<sup>33</sup> O “treato” ou “triato” é o desvão, situado na parte superior da casa que serve de palheiro, destinado a guardar a palha ou o feno.

<sup>34</sup> “contino”.

<sup>35</sup> “à rasta” ou “à rastra” é expressão mirandesa que significa “de rastos”.

<sup>36</sup> Por “estrebuchava”.

Todos numa relação.

Levavam sacos e cestas,  
É animada aquela gente,  
Concorreu logo ao açougue<sup>37</sup>  
Queria levar a carne quente.

Passou aquela procissão  
Formada de tal maneira  
A depositar o cadáver  
Lá pr'as terras da Lameira.

O pobre do Zé Manuel  
Andava muito diligente,  
E abandonou o cadáver  
Deixando-o de corpo presente.

O homem não estava penoso  
Porque *inda* não tinha pensado  
O gasto que a égua fez  
Para ter tão mau resultado.

Comeu-lhe farelos e feno  
Comeu nabos e farinha  
Comeu couves e repolhos  
Comeu tudo quanto ele tinha.

Quando vinha p'ra igreja  
De manhã à oração  
Tanta comida lhe lançava  
Que morreu de indigestão.

Se dura mais algum tempo  
Fazia bem boa figura  
E em vindo a Primavera  
Tomaria nova andadura.

Pode a gente calcular-lhe  
Uma boa situação  
Bem certo na feira dos *Grazes*<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Forma que se conserva em mirandês para designar “talho” ou “matadouro”.

<sup>38</sup> Esta feira dos “Grazes” ou “Gorazes” realiza-se, anualmente, no dia 30 de Outubro, em Sendim (há uma outra, com o mesmo nome e periodicidade, no dia 16 de Outubro, em Mogadouro). A etimologia de “grazes” poderá estar relacionada com a forma *corazil*, *codrazil*, *gorazil* ou *gorazyl*, “parte do porco que se pagava em pensão, nos antigos prazos e forais”, como informa José Pedro Machado. Sendo certo que a carne de porco é uma das mercadorias comercializadas nesta feira, a verdade é que ela é

Voltava p'ro capitão.

Depois do coelho ido  
É que o conselho apareceu,  
Mas agora não há remédio,  
A égua acabou, morreu.

A senhora Antónia Vileira  
Por certo não cozinha mal  
Como já foi taverneira  
Fez o jantar do funeral.

Os potes eram grandes  
E fez-lhe grande fogueira,  
Subiram-lhe as cores ao rosto  
Parecia uma pimenteira.

Subiu-lhe o juízo ao miolo,  
Sentia zunir as abelhas  
Mas pediu em altos gritos  
Da égua as duas orelhas.

O senhor Luiz Martins  
Também assistiu à função  
Juntamente Isabel Ferreira  
Que vinha do Poceirão.

A senhora Ana Raposo  
As senhoras Aguida e Ricardina,  
Também o senhor José Pêra  
E a sua Francisca Ralina.

Domingos Raposo e Amélia,  
Ia buscar um *canteado*,  
Mas não era nada disso  
Iam buscar o sue bocado.

O senhor Augusto Raposo  
Esse<sup>39</sup> apenas levou nada<sup>40</sup>  
Mas ainda viu a função  
Ali das madeiras da estada.

Fizeram grande festa

---

também conhecida como “feira dos burros”, devido à grande quantidade de gado asinino que aqui se comercializava. Daí, portanto, ela ser referida nestas *Trovas*.

<sup>39</sup> “Ese”.

<sup>40</sup> “Apenas levou nada” significa que “de certeza não levou nada” ou “difícilmente levou algo”. Este valor semântico, comum à língua mirandesa, é-lhe conferido pelo advérbio “apenas”.

À noite, depois de jantar,  
Com flauta, caixa e travessa,  
*Daram* volta ao lugar.

Tocaram e dançaram  
Paparam boa ceia  
A dança saída da pança  
Depois da barriga cheia.

Tocadores José Manuel  
E mais o Manuel Pedreiro,  
Também era o senhor João Rosa  
Conhecido pelo João Canteiro.

A égua sem sepultura  
Lá ficou a representar,  
E eles com boa fartura  
Toda a noite a *expandigar*.

Que fique ali abandonada  
Não se pode consentir  
Por isso rica comadre  
Temos nós de a repartir.

QUARESMA  
Então começamos por baixo  
Aos vizinhos do *corral*  
Não *val* a pena pesar-lha:  
Cortem eles do animal.

ENTRUDO  
O José Pêra como é vizinho  
Leve também a que quiser  
Mas que leve boa talhada  
Que chegue pr'a ele e p'ra mulher.

QUARESMA  
Ao Manuel Josefino  
Que é fino como os pardais  
Dá-se-lhe dez *kilos* de cachaço  
Se for dura que a *coza* mais.

ENTRUDO  
À senhora António, as orelhas,  
Foi o que pediu do animal;  
Dão-se-lhe também os miolos  
Que lhe não devem fazer mal.

QUARESMA  
O senhor Virgílio e Palhau,  
Podem levar das costelas,

É carne desefastiada  
*Quem quera*<sup>41</sup> pode comê-las.

#### ENTRUDO

E a senhora Jozefina  
Para fartar o seu João Pedro,  
Carne, bastam-lhe seis *kilos*  
Mas que leve uma arroba de sebo.

#### QUARESMA

O senhor Benedito e os filhos  
A Amélia é das *arganeiras*<sup>42</sup>  
Não se lhe ode dar bom peso  
Só leva as patas traseiras.

#### ENTRUDO

Os vizinhos do Bairrico Alto  
A gente não se pode alargar!  
*Dará-se-lhe* um quarto inteiro  
Repartindo com os do meio lugar.

#### QUARESMA

E à rua da Paneira  
*Daremos-lhe* uma *espalda*<sup>43</sup>, então,  
Que a repartam lá por todos  
Que tocam a boa porção.

#### ENTRUDO

Mas a tia Ricardina  
Já não entra nessas meias  
Que leve o bulho e os *cem folhos*<sup>44</sup>  
Fazem boas *tabafeias*<sup>45</sup>.

#### QUARESMA

Como tem o sue Manuel  
Que é bastante arreliento  
Temos que lhe dar mais talhada  
Se não, não ficará contento<sup>46</sup>.

#### ENTRUDO

Ó comadre Quaresma

Nós não vamos fazer esmolos  
Mas dê-lhe duas ferraduras  
Para pôr nos saltos das *cholas*<sup>47</sup>.

#### QUARESMA

E agora o Zé Moreiras  
Também é da *parentena*  
Dois quilos de lombo à Júlia  
Já *escusará*<sup>48</sup> de ter pena.

#### ENTRUDO

Às senhoras Lúcia e Fávia  
Feliciano e Teresa Cantigas  
Doze *kilos* para as quatro  
E que partam como amigas.

#### QUARESMA

O senhor Francisco Rodrigues  
E sua cunhada Doroteia  
Escolha-se lá um bom sítio  
E pese-lhe arroba e meia.

#### ENTRUDO

O senhor Faustino Magalhães  
Talvez a não queira comer  
E então para que se não estrague  
Dê-lhe<sup>49</sup> só um *rinhão*<sup>50</sup> à mulher.

#### QUARESMA

Outro ao senhor Abílio Lopes  
Mas tire-lhe o sebo bem tirado;  
Se não por certo não o come  
Que tem andando adoentado.

#### ENTRUDO

Lembremo-nos também da Balbina  
Que tem sido bem comportada,  
Ela carne se calhar não come  
Dão-se-lhe dois *kilos* de *bochada*<sup>51</sup>.

#### QUARESMA

À família do Joanos  
Que são pouco carnicheiros  
É *milhor* dar-lhe as gorduras

---

<sup>41</sup> Cf. mirandês “quien quiera”, “um qualquer”, “qualquer um”.

<sup>42</sup> Forma mirandesa; cf. português “cobiçoso”.

<sup>43</sup> Forma mirandesa; cf. português “espádua”.

<sup>44</sup> Cf. mirandês “cienfolhos”. Parte do ventre que tem muitos “folhos”.

<sup>45</sup> Forma mirandesa, designando um conhecido enchido tradicional à base de carnes brancas e pão. Cf. português “alheiras”.

<sup>46</sup> Em mirandês, o adjectivo “contento” regista também variação em género.

---

<sup>47</sup> Forma mirandesa. Cf. português “socos”, “tamanco”.

<sup>48</sup> Forma mirandesa do verbo “scusar”, significando “não precisar de” ou “dispensar”.

<sup>49</sup> “Dele”.

<sup>50</sup> Rim. Cf. mirandês “renhon”.

<sup>51</sup> Forma mirandesa; cf. português “boche” ou “pulmão”.

Para untar os aparelhos.

ENTRUDO

Ora o senhor Luiz Raposo  
Deve-se lhe dar um quarto inteiro  
A sua Ana arranja-o bem  
Chega-lhe para o mês de Fevereiro.

QUARESMA

A senhora Ângela reza a *crôa*  
E como reza muitas vezes  
*Daremos-lhe as sartas*<sup>52</sup> do espinhaço  
Para um rosário de 15 *dezes*<sup>53</sup>.

ENTRUDO

As filhas também precisam  
Dê-lhe carne com fartura  
Do lombo que sirva para bifés  
A ver se mudam de figura.

QUARESMA

E agora o nosso pintor  
Tão amigo do Zé Manuel  
Se não for bem combinado  
Por certo se *enrraiba* p'ra ele.

ENTRUDO

*Daremos-lhe* o rabo para pincéis  
E que faça um guisado bom  
*Deia-lhe* lá o fígado todo  
E à Natália o coração.

QUARESMA

Dê-lhe a cabeça à mulher  
Não a levem talvez os ciganos  
Ela sabe-a arranjar bem  
Com certeza faz *chabianos*<sup>54</sup>.

ENTRUDO

Uma espalda inteira à Isaura  
P'ra guisar e p'ra cozer,  
Se for por lá o Zé Manuel  
Também *lh'a* ajuda a comer.

QUARESMA

---

<sup>52</sup> Forma mirandesa significando as “bolas que compõem um colar “ e também “as vertebral da coluna vertebral”.

<sup>53</sup> Quinze mistérios.

<sup>54</sup> Enchico tradicional feito com carne, pão e sangue.

Esta família *perjudica* o resto,  
A levar sortes destes modos  
Por serem amigos do dono da égua  
Foi preciso convidá-los a todos.

ENTRUDO

*Inda* fica muita carne  
E se por acaso não se vender  
Entrega-se aos bairros de cima  
Que a coma quem quiser.

QUARESMA

Pois que a levem então, comadre,  
Que a levem sim senhor;  
Mas a festa só é de baixo...  
Se *lh'a* damos é por favor!...

ENTRUDO

Findou a partilha da égua,  
Mas se alguém ficou sem talhada  
Não fique por isos descontente  
Que vá ao açougue a buscá-la.

QUARESMA

E se alguém não pagou a carne  
Já pode ir trocando o dinheiro,  
No livro não se assenta  
Vá lá ter com o carnicheiro.

ENTRUDO

Findou a nossa chalaça  
Não queremos ofender ninguém  
Meus senhores, graça e mais graça  
Passem todos muito bem.

QUARESMA

Venha o nosso anunciador  
Acabar com esta lida  
Meus senhores com licença  
Vai-vos dar a despedida.

(DESPEDIDA)

ANUNCIADOR

A nossa comédia acabou,  
Já findou a carniçada,  
Não fique ninguém descontente  
Por levar pouca talhada.

Neste tempo de fartura

Não fique ninguém sem ceia,  
Até os corvos andam gordos  
E os *cães* de barriga cheia.

A gente do Bairro de Cima,  
Que coma com mais cautela,  
Esta festa só é de baixo  
Vós não tendes parte nela.

Alguma migalha que levastes  
Comei-a com boa intenção  
Mas sabeis que vos não pertence  
Foi da nossa devoção.

Não estará aí o Sr. Veríssimo  
Queria-lhe dar um conselho,  
Veja lá se fechou a porta  
Não lhe voltem ao fumeiro.

Se há por aí alguém de Genízio  
Também lhe quero dizer,  
Não saiam, não tenham pressa,  
Há muita carne que comer.

Com certeza de S. Pedro  
Há gente por aí à roda  
Que levem também um migalho  
Mas não queremos que a levem toda.

Quem não tiver guardanapo  
Embrulhe-a em folhas de couve,  
E não se esqueça de pagar  
Para os impostos do açougue.

De tantos burros que *tem* morto  
Cá na nossa povoação,  
Resta vender as albardas  
No dia de Entrudo em leilão.

Cabeçadas e atafais  
Dão dinheiro que não é barro  
Entre loros, *silbas*<sup>55</sup> e estribos  
Devem carregar bem um carro.

Para que fique central  
Todos possam lá chegar,  
Arrematação ao meio dia  
No sítio do meio lugar.

Meus senhores perdoem as faltas  
E os erros que temos feito  
Quando são coisas à pressa  
Nunca sai nada de *geito*.

Se comestes carne de mais  
E tendes a barriga de ruim modo  
Cozimento de figos de burro  
Que desbarata o corpo todo.

FIM

---

<sup>55</sup> Forma mirandesa de “cilha”, designando a “cinta com que se segura a albarda”.